

Depoimentos

FRESTAS DA VERGONHA*

JOÃO GILBERTO NOLL

A coisa não apresenta uma forma precisa, muda, muda quase a cada instante, e tem o centro como que brilhante, se centro a gente pode chamar aquilo que nesse ínterim já se encontrou perto da borda superior, pois neste pedaço agora na margem, percebe-se aos poucos, mais do que um brilho, tratar-se de um ponto de força que não cabe mais em si, mas voltemos ao todo de novo com atenção, a coisa inteira mudou sua figura, ganhou milhares de pontas, e a força que parecia brilhar por não caber mais em si deve ter sido eliminada deste corpo em constantes crispações, a sua pressão deve ter rasgado a margem superior e como que se esvaiu, digamos assim, se esvaiu, porque já não vejo nada que lembre aquele brilho que nem era propriamente um brilho, e eu então volto a olhar sem mais o quê este corpo sem forma precisa, com suas silhuetas e tons cambiantes, e eu fecho os olhos e digo baixo não, não vou ficar aqui olhando e tentando descrever para vocês isso que em seu eterno movimento pode estar se lixando para mim com minha descrição, e ademais não sei se vocês estão mesmo voltados para a descrição desta coisa com uma enormidade de aparências, que poderá nem se apresentar mais aqui quando eu abrir novamente os olhos, quando talvez venha a perceber que este corpo jamais aprisionado em qualquer contorno não tenha de fato existido, o que me faria calar, calar de um jeito medonhamente cerrado, como se só esta mudez que eu diria irascível pudesse conter esta vergonha de não ter o que olhar para transmitir a vocês do outro lado de mim.

Isto não é um conto, nem mesmo um ensaio ficcional, talvez se queira apenas uma pincelada demonstrativa de um embaraço inerente, creio eu, à comunicação estética desta hora. Isto, esta tentativa de se expressar alguma coisa que parece nem sequer compor uma realidade, isto é uma espécie de cisma, em certos casos irremediável, posto que saído de uma situação de exílio sem antídoto, já que atacado por bactérias ainda indecifradas, que deixam o ser em alheamento, em completo extravio.

Manifesta-se, sibilina, então, a estética da vergonha, da humilhação, até aqui sem solução à vista, de se falar daquilo que habita a pura sensação de um sonho que enleva, que eleva as categorias do humano a um patamar onde toda a insuficiência se redime, não, mas de um sonho que é tão-só dormência diante destes pontos rejeitados que teimam em ser, como é o caso daquele núcleo de força que parecia brilhante, que pressionava com quase desespero as bordas daquele corpo informe que eu tentava descrever, e que de repente desaparece, sei lá, entra em idílio com a evasão, foi-se, escafedeu-se, e eu aqui, sem capacitação para retê-lo para os meus hipotéticos ouvintes, querendo fechar os olhos para poder reabri-los já não tendo quem sabe matéria nenhuma para retratar, já não tendo mais diante de mim esta realidade sem mérito, sem mérito nenhum para que possa alcançar a conformação de uma comunicação estética.

Pois o que pode valer para o terreno da literatura a descrição de uma coisa que se comporta em gestos continuamente percíveis, uma passagem daninha que vai expulsando de si focos de força que poderiam talvez aclarar um pouco esta voragem molecular...

O mundo sofre, e é impossível que se faça uma literatura desta espécie, sem rudimentos humanos, azeitada apenas com estes fatores de aparência inverídica, como se configurassem uma biologia imemorial.

* Texto lido no III Congresso Nacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), Niterói, Rio de Janeiro, agosto de 1992.

Sim, esta é uma literatura do impossível, literatura desta choça sem convites, cruel por não apontar diretamente as crueldades, as vilanias do mundo, a literatura do impossível sim, melhor, eu diria melhor, a literatura da vergonha, pois é este sentimento que nos acua nesta hora, uma vergonha acachapante por não conseguirmos reter a alma, pelo menos o ânimo desta história toda, uma vergonha avassaladora por não sabermos o que desnudar além deste insensato movimento de corpos inutilizados para a fabulação.

Pois se deste quadro pudesse se irradiar uma façanha humana, não digo uma façanha que apresentasse algum esgar épico, que isso talvez nem ande hoje pelo caminho das probabilidades, mas uma façanha que corresse simplesmente um risco qualquer de humanidade, como o de um colapso desta escrita, sem retorno, então sim, então estaríamos não exatamente absolvidos, pois não se trata aqui de um confronto forense, mas teríamos enfim o que fazer com a sua leitura: o parto de uma outra inspiração que viesse de lá e completasse.

Ou não, alguém poderia dizer: a ficção não pressupõe necessariamente o corpo a corpo de duas experiências, a do narrador e a do leitor; o que a ficção pede, alguém poderia acrescentar, é o entrosamento entre estes dois através de uma esfera inumana de tamanho estranhamento, que só nos resta um soluço irreprimível despencando dos lábios, em direção a um abismo onde ninguém mais tenha que carregar o fardo do reconhecimento do mundo, e tudo seja aí tão frio quanto a pele inexistente de Deus.

É este o apogeu literário? E por ele atingiremos a transcendência de nossas pequenas ruínas cotidianas?

Que fique aqui a marca desta espécie de arcano intumescido por nossas mais furtivas misérias.

Arcano inflamado, a ponto de arrebentar e se dissolver em quase nada ou nada mesmo, enquanto a criança no pátio bate a bola contra o tronco e berra, e impede assim que o Autor continue em sua obsoleta concentração.

A bola contra o tronco: eis um arco de promessa.